

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v16e22021225-233>

Recebido em 30/08/2021. Aprovado em 16/10/2021.

LAS MENINAS: ANÁLISE DA OBRA DE VELÁZQUEZ E ALGUMAS RELEITURAS

LAS MENINAS: ANALYSIS OF THE VELÁZQUEZ WORK AND SOME READINGS

Deise de Moura Frizon*

Claudia Schemes**

Resumo: *Estamos constantemente rodeados por imagens, embora, muitas vezes, não olhemos com um olhar reflexivo sobre elas. Este artigo traz uma reflexão sobre a leitura de imagem, como se pode conceber e compreendê-la como um texto, algo que pode ser decodificado, lido e interpretado. Para isso, busca-se um embasamento nas ideias de alguns autores como: Santaella (2005) e Charaudeau (2012), sobre a questão signo na linguagem visual e na comunicação; Ricoeur (1997), trazendo a perspectiva da narrativa e do tempo na poética da imagem; Durand (2002) e o imaginário simbólico; Hall (2016) e as representações através da linguagem, dentre outros. Para exemplificar, compara-se a obra de Velázquez, Las meninas, com algumas releituras da mesma obra feitas por Picasso, mostrando como se pode interpretar uma obra de arte através do fazer artístico, na intenção de que reler não é copiar, pois os signos que estão presentes na obra são passíveis de interpretação.*

Palavras-chave: *Velázquez. Picasso. Leitura. Imagem. Las meninas.*

Abstract: *We are constantly surrounded by images, although we often do not look at them with a reflective eye. This article brings a reflection on image reading, how it can be conceived and understood as a text, something that can be decoded, read and interpreted. For this, we seek a basis in the ideas of some authors such as: Santaella (2005) and Charaudeau (2012), on the question of sign in visual language and communication; Ricoeur (1997), bringing the perspective of narrative and time in the poetics of the image; Durand (2002) and the symbolic imaginary; Hall (2016) and representations through language, among others. To exemplify, we compare the work of Velázquez, Las meninas, with some reinterpretations of the same work done by Picasso, showing how one can interpret a work of art through artistic making, with the intention that rereading is not copying, because the signs that are present in the work are open to interpretation.*

Keywords: *Velázquez. Picasso. Reading. Image. Las meninas.*

INTRODUÇÃO

As imagens nos rodeiam constantemente, somos influenciados por elas e, muitas vezes, nem nos damos conta desse processo. As imagens frequentemente passam por nossos olhos e nem observamos ou refletimos sobre elas.

* Mestre em Processos e Manifestações Culturais, graduada em Ensino da Arte na Diversidade, especialista em Psicopedagogia Institucional e em Artes. Email: deisefrizon@feevale.br.

** Doutora, mestra e graduada em História, professora dos cursos de História e Moda e PPG Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: claudias@feevale.br.

Este artigo traz inicialmente algumas reflexões sobre a imagem, esta linguagem visual que pode ser lida e decodificada como um texto, pois traz um discurso pertinente em si e variado de acordo com o sujeito que faz a sua leitura.

A linguagem visual é estudada por Santaella (2005), que diz que a imagem é composta de signos que estão representando os objetos e, para que existam, é necessário um interpretante. É uma necessidade do ser humano essa duplicação do mundo através das imagens para representar algo. Vemos também as ideias de representação em Hall (2016), e em Charaudeau (2012) compreendemos a linguagem visual como um meio de comunicação. Damos significados através da interpretação que fazemos, portanto estes podem ser subjetivos, pois variam de acordo com o interpretante. A subjetividade das imagens também é estudada por Durand (2002), pois o simbólico das imagens compõem o imaginário coletivo da humanidade.

As obras de arte compõem uma poética visual, pois trazem uma narrativa de um discurso. Ricoeur (1997) nos ajuda a compreender essa narração que a imagem faz no tempo. Através da narração de uma imagem, ela tem a sua memória presente na história. Nora (1993) ajuda-nos a entender que a memória tem necessidade de algo externo, um lugar. A imagem de uma obra de arte pode ser este lugar de memória, onde a história pode ser narrada.

A famosa obra de Velázquez, *Las meninas*, já foi analisada por alguns autores. Foucault (1999) é um deles, o qual descreve e explica aspectos explícitos e implícitos na imagem. Já na primeira vista, vemos a ambiguidade do artista que se retrata na obra, não sabemos se estamos sendo observados ou observamos a cena pictoricamente narrada pelo artista.

Picasso, em sua interpretação pessoal, não faz uma, mas várias releituras da obra *Las meninas*, utilizando a sua técnica inovadora com traços geométricos, o cubismo.

Podemos observar que a imagem original foi novamente narrada por Picasso. Uma obra de arte perpassa os limites da moldura do quadro. Ela pode ser lida, relida e interpretada de diversos modos, indo muito além do que os olhos podem ver, carregando muitas simbologias, já que é um meio de comunicação visual que está dentro de um discurso e de uma narrativa que traz o tempo passado no presente através da memória.

LEITURA DE IMAGEM: MUITO ALÉM DO QUE SE VÊ

Vivemos num mundo rodeado por imagens e não nos surpreende que elas não cessam de querer influenciar nosso comportamento. Ler essas imagens é uma necessidade para decodificação dos signos tão difundidos e expostos aos nossos olhos.

Como uma linguagem visual, a imagem é estudada por vários autores e sob várias perspectivas que se fazem necessárias para análise e compreensão de algumas possibilidades por meio dela.

Uma estudiosa das linguagens é Lúcia Santaella que, se tratando de linguagem visual, a caracteriza como a percepção de imagens quase sempre figurativas, é estar presente à nossa apreensão. “Essa vocação mimética das imagens transcende as determinações históricas, pois, desde as primeiras inscrições nas grutas, a humanidade

esteve guiada pelo desejo complexo e provavelmente eterno de duplicar o mundo” (SANTAELLA, 2005, p. 19). A característica da linguagem visual é corresponder a algo fora de si, exigindo essa reduplicação do existente, para representar algo.

[...] a primeira característica dos signos que é a de funcionar como uma espécie de duplo em relação ao seu objeto dinâmico. A imagem especular é um duplo daquilo que está nela refletido. A imagem refletida é o signo. Aquilo que ela reflete é o objeto dinâmico (SANTAELLA, 2005, p. 46).

Baseada nos estudos de Peirce, Santaella (2005) coloca que a linguagem visual é feita de signos que representam objetos e, para que eles existam, é necessário um interpretante, formando a semiose.

O significado que será atribuído à leitura de imagem é subjetivo, pois vai depender das vivências e conhecimentos diversos que compõem o intelecto daquele que observa, para que haja então o processo de semiose (ação do signo). “O signo não se esgota em um único interpretante. De um lado, porque um mesmo signo pode produzir diversos efeitos em uma mesma mente interpretadora, efeitos que podem, inclusive, ir crescendo com o tempo” (SANTAELLA, 2005, p. 48).

Pensando a imagem como linguagem visual, ela é também um meio de comunicação. Charaudeau (2012), na sua teoria, considera o ato de linguagem como produto de um contexto onde participam um emissor e um receptor que podem atribuir diferentes interpretações ao objeto, dando-lhes diversos significados que podem ser explícitos ou implícitos.

Também podemos considerar a imagem como uma representação, e temos em Hall (2016) uma compreensão acerca desse assunto. Ele considera a linguagem como um sistema de representação, no qual os significados são partilhados. O conjunto desses significados partilhados é o que Hall chama de *cultura*. Damos significado através da interpretação que fazemos. O reconhecimento do significado nos causa a sensação de pertencimento, contribuindo para a construção da identidade.

Os significados também são diferentes e inconstantes dependendo de quem os significa, que assim faz conforme um sistema de convenções sociais. Os significados são produzidos na história e na cultura, estando sempre sujeitos a mudanças.

Outra perspectiva da imagem é a que compõe o imaginário; segundo Durand (2002), as imagens simbólicas acompanham a humanidade para explicar as subjetividades, os mitos, o inconsciente, a fantasia, ou seja, aquilo que não se pode explicar exclusivamente pela razão. Essas simbologias, além de compor o imaginário, implicam em uma coletividade da humanidade para que cada indivíduo se reconheça nela. Durand também defende o significado intrínseco nas imagens que decorrem de diversas culturas de diversos tempos e lugares. Portanto, o autor enfatiza o aspecto simbólico para as imagens.

Percebendo as imagens de obras de arte dentro da poética visual, segundo Costa (2001), os filósofos gregos Platão e Aristóteles a chamam de *mímese*, como uma imitação e representação; através dos meios e dos objetos não seria uma cópia, mas sim um

processo de verossimilhança, ou seja, veem a representação como uma possibilidade sem compromisso com o verdadeiro historicamente ou com a realidade.

O passado exerce uma ação no presente, pois, para se ter um passado, alguém precisa falar – narrar. Assim, o presente se dá pela concordância entre um acontecimento e o discurso que o anuncia. É o que Ricoeur (1997) apresenta referente à narração. As obras de arte também apresentam a sua poética e narram uma história ou uma ficção; esta, por sua vez, insere-se no tempo. Sendo que é diferente o tempo cronológico do tempo histórico, este só é possível pela narrativa baseada nas memórias dos fatos, ou seja, se constrói o passado pela narrativa que se faz dele no presente através da memória. Há uma mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico, que é o tempo histórico, e, para isso, usam-se procedimentos com efeito de signo: imagens, calendário, arquivos, documentos que fazem a representação: a função poética na história.

ANALISANDO A OBRA DE VELÁZQUEZ: LAS MENINAS

A obra *Las meninas*, de Diego Velázquez, foi pintada em 1659 e se encontra no Museu do Prado, na Espanha, uma das maiores obras deste artista barroco que utilizou a técnica de óleo sobre tela, medindo 320,5 cm x 281,5 cm. Segundo Martins (2016a), Velázquez nasceu em Sevilha na Espanha em 1599 e, quando jovem, logo demonstrou interesse pela pintura, de modo que pôde estudar com uns dos grandes professores na sua região, o pintor Pacheco. E também a sua família tinha boas condições para que ele pudesse estudar, já que provinha de família nobre.

No *site* do Museu Nacional do Prado, Portus (2013) descreve a obra colocando que é uma obra complexa, cheia de vida e realidade e que transmite uma rede de significados. Ao redor da Infanta Margarita, que é o centro da obra, encontram-se servas palacianas servindo e reverenciando a menina, bem como dois anões e um cachorro; atrás, há uma dama de honra e um guardião; mais ao fundo, depois da porta, a imagem de José Nieto, um colega de quarto. Ao lado esquerdo de quem observa a imagem, vemos o pintor retratado à frente de uma enorme tela. No espelho ao fundo, há o reflexo de quem observa a imagem, como testemunha da cena, os reis da Espanha Felipe IV e Mariana da Áustria, país da Infanta Margarita.

Esta imagem tem um significado visível a todos, trata-se de uma representação de um grupo de pessoas identificáveis realizando uma ação compreensível, característica própria das pinturas da Era Moderna na Europa, que representavam a vida ou animação. Esta obra tem uma variedade e quantidade de interpretações.

Essa riqueza e variedade de conteúdos, assim como a complexidade de sua composição e a variedade de ações que representa, fazem de *Las Meninas* um *retrato* em que seu autor utiliza estratégias de representação e busca objetivos que estão além do habitual nesse gênero, e aproximam-no da pintura histórica (PORTUS, 2013).

Esta obra foi analisada por várias pessoas, entre as quais Michel Foucault (1999), que a observa e escreve sobre ela. Primeiramente lhe chama a atenção o olhar do pintor que olha quem observa a pintura. Ele coloca essa ambiguidade, pois não sabemos o que

ele está pintando, é como se o espectador e o modelo trocassem de lugar constantemente. Não sabemos se observamos ou se estamos sendo observados, a nossa função de espectador se confunde com o papel de modelo.

A luz que vem da janela à direita também chama a atenção, iluminando os personagens e a tela que está virada; logo atrás há uma tela mais iluminada que as outras, esta se trata de um espelho refletindo dois observadores da cena, que seriam os pais da Infanta Margarita. Este espelho não reflete o que está presente na tela, mas sim fora dela, atravessando o campo de representação para fora do quadro, representando o que está fora do campo de visão. O que ele reflete é o que os personagens da tela estão observando. Ao lado desse reflexo, há uma porta e, ao fundo, um homem, que também é iluminado por uma luz que vem dessa mesma porta.



Figura 1 – Las meninas (Diego Velázquez, 1659)

Fonte: Museo del Prado (2020).

Assim Foucault descreve os personagens da obra:

Velázquez compôs um quadro; que nesse quadro ele se representou a si mesmo no seu ateliê, ou num salão do Escorial, a pintar duas personagens que a infanta Margarida vem contemplar, rodeada de aias, de damas de honor, de cortesãos e de anões; que a esse grupo pode-se muito precisamente atribuir nomes: a tradição reconhece aqui dona Maria Agustina Sarmiente, ali, Nieto, no primeiro plano, Nicolaso Pertusato, bufão italiano. Bastaria acrescentar que as duas personagens que servem de modelo ao pintor não são visíveis, ao menos diretamente; mas que podemos distingui-las num espelho; que se trata, sem dúvida, do rei Filipe IV e de sua esposa Mariana (FOUCAULT, 1999, p. 11).

Analisando a representação da obra em questão, vemos a representação de uma cena, cujos sujeitos são construídos pelo discurso, por onde eles são narrados. Hall (1997) vai ao encontro das ideias de Foucault, ao fazer essa análise da construção do sujeito, dando significado através das representações. Então, a posição que a Infanta Margarita ocupa, por exemplo, na pintura, é de privilégio, pois está retratada no centro da obra. Essa representação está narrando a personagem, e este aspecto está explícito nesta obra.

Além dos aspectos explícitos, ainda há os implícitos, que também trazem um discurso acerca dos fatos. Como a questão da intensidade da luz em alguns pontos, o artista, com isso, quer narrar o que será percebido com mais clareza em detrimento aos pontos pouco iluminados.

ANALISANDO AS RELEITURAS DE PICASSO

As releituras da obra de Velázquez *Las Meninas* foram feitas por Picasso no ano de 1957, utilizando a técnica de óleo sobre tela medindo: 194 cm x 260 cm (figura 2), 161 cm x 129 cm (figuras 3 e 5), 129 cm x 161 cm (figura 4) e encontram-se no Museu Picasso, na Espanha, segundo informações no *site* do Museu. Além destas, existem outras releituras da mesma obra e de outras pinturas de grandes artistas da História da Arte feitas por Picasso.

Para Martins (2016b), era costume de Pablo Picasso visitar o Museu do Prado e ficar admirando a grande obra de Velázquez. Ele fez vários desenhos e releituras da obra *Las meninas*. Picasso não faz apenas uma, ele relê, reinterpreta várias vezes a mesma obra, colocando características e traços próprios em suas pinturas.

Picasso foi um grande artista do início do século XX, tendo evoluído em sua própria trajetória artística passando de fases até chegar no experimentalismo geométrico do cubismo. Faz homenagem não só a Velázquez como a outros grandes mestres da pintura, criando várias releituras. Os ícones das obras estão lá, agora com o seu traçado marcante da sua personalidade inventora e criativa. Com isso, Picasso gera uma ruptura de paradigmas da Arte Moderna. Percebemos a diferença no olhar das obras, onde Velázquez direciona o espectador para pontos específicos da imagem, conforme a posição dos personagens e sua iluminação. Através dos vários olhares de Picasso interpretando a obra de Velázquez, percebemos uma mudança no olhar, agora a observação do espectador pode ir de um ponto ao outro nas suas releituras e fazer vários trajetos. É como se as figuras humanas passaram por mudanças, por metamorfoses.

Nora (1993) diz que a memória se enraíza no concreto, no espaço, na imagem, no objeto. A memória é vivida no interior, mas tem necessidade de suportes exteriores (lugar de memória). A memória é uma necessidade da história. Por isso, as obras de arte são como um lugar de memória, através delas a história pode ser narrada

A memória também se dá pelo coletivo e pela narração do que o outro faz do indivíduo, portanto, permanece a memória do quadro de Velázquez narrada por Picasso perpassando o tempo cronológico, estando agora representado em suas releituras, através de um novo discurso, uma nova interpretação do artista.

Uma obra de arte é um meio de representação. As representações produzem significados pela linguagem; no caso da imagem, a linguagem visual traz aspectos da memória construída no discurso. A linguagem possui signos que servem para decodificar o mundo. Picasso utiliza a representação dos signos utilizados por Velázquez, mas coloca, a seu modo, a sua própria interpretação, trazendo um novo discurso para a narração antes feita. E ele mesmo interpreta várias vezes, os significados são múltiplos, pois muitos são os interpretantes. Assim, o mesmo artista pode ser múltiplo nas suas representações, como neste caso.



Figura 2 – Las meninas (Pablo Picasso, 1957)

Fonte: Museu Picasso (2020).



Figura 3 – Las meninas (Pablo Picasso, 1957)

Fonte: Museu Picasso (2020).



Figura 4 – *Las meninas* (Pablo Picasso, 1957)

Fonte: Museu Picasso (2020).



Figura 5 – *Las meninas* (Pablo Picasso, 1957)

Fonte: Museu Picasso (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem vai muito além do que se vê. Como se pode observar, a imagem dentro da linguagem visual é composta de signos que representam algo, e estas representações podem ser múltiplas conforme o interpretante. Uma imagem de uma obra de arte carrega em si aspectos simbólicos do imaginário, bem como elementos de uma narrativa que perpassam o tempo através da sua memória. A imagem transmite a sua mensagem, podendo ser, assim, um meio de comunicação através das suas representações explícitas ou implícitas.

Por isso, é importante não só olhar para a imagem como também ler e interpretar os signos e os símbolos que ela apresenta. Como fez Picasso ao fazer as releituras da obra *Las meninas*, de Velázquez, o qual experimentou de diversas maneiras, mas dentro da sua característica experiencial do Cubismo.

Ler uma imagem não significa fazer uma cópia, mas fazer a sua interpretação, já que a significação varia de acordo com o interpretante, haja vista a dimensão das possibilidades da imagem compreendida dentro das representações, dos meios de comunicação, nas narrativas, do tempo, do discurso, das simbologias do imaginário, perpassando o tempo através da memória.

BIBLIOGRAFIA

- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, Lígia M. da. *Representação e teoria da literatura: dos gregos aos pós-modernos*. Cruz Alta: UNICRUZ, 2001.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2016a.
- MARTINS, Simone. Diego Velázquez. (2016a). Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/diego-velazquez/>. Acesso em: 21 jun. 2020
- MARTINS, Simone. Releituras de Pablo Picasso. (2016b). Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/releituras-de-pablo-picasso/>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- MUSEO DEL PRADO. *Las meninas*. (2020). Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/las-meninas/9fdc7800-9ade-48b0-ab8b-edee94ea877f>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- MUSEU PICASSO. *Las meninas*. (2020). Disponível em: https://catalog.museupicasso.bcn.cat/fitxa/museu_picasso/H290770/?resultsetnav=5eefdf6e8e60c. Acesso em: 21 jun. 2020.
- NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, São Paulo, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 01 jul. 2020.
- PORTUS, J. Diego Velázquez *Las Meninas*. Velázquez e a família de Felipe IV [1650-1680], Madri, Museu Nacional do Prado, n. 16, 2013. p. 126-129. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/las-meninas/9fdc7800-9ade-48b0-ab8b-edee94ea877f>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e do pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2005.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.